

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MÉLLANI DA SILVEIRA LAUS

HARMONIA VOCÁLICA: A ELEVAÇÃO DE *E* EM BAGÉ

**Bagé
2017**

MÉLLANI DA SILVEIRA LAUS

HARMONIA VOCÁLICA: A ELEVAÇÃO DE *E* EM BAGÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pela autora através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L388h Laus , Méllani da Silveira

Harmonia vocálica: a elevação de e em Bagé / Méllani da Silveira Laus .
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) -- Universidade Federal do
Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2017.

"Orientação: Taíse Simioni ".

1. harmonia vocálica . 2. Banco de Dados de Língua Falada de Bagé. 3.
elevação de e . I. Título.

MÉLLANI DA SILVEIRA LAUS

HARMONIA VOCÁLICA: A ELEVAÇÃO DE *E* EM BAGÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 01 de dezembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Taíse Simioni
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr^a. Aline Neuschrnk
UNIPAMPA

Prof. Dr^a. Tatiana Keller
UFSM

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Taíse Simioni, pela paciência e orientação sempre atenta a resolver todas as minhas dúvidas. Por ser o exemplo de professora que eu quero tentar ser um dia.

À minha mãe, Manoela, e aos meus irmãos Daniela, Eliezer e Tiago, por serem a segurança de uma companhia para os dias bons e para os nem tão bons assim também. Muito obrigada por todo amor e incentivo.

Aos meus amigos e colegas da Letras pelo apoio.

À UNIPAMPA, pela oportunidade de crescimento através do Programa de Desenvolvimento Acadêmico.

RESUMO

Harmonia vocálica refere-se a um processo fonológico que consiste na elevação das vogais médias pretônicas *e* e *o* diante das vogais altas *i* e *u* em uma sílaba seguinte na palavra, como em *menina* ~ *minina*, *costura* ~ *custura*. Contudo, o foco deste trabalho está apenas em analisar a elevação da vogal *e*. O objetivo desta pesquisa é verificar o papel de fatores linguísticos e extralinguísticos na ocorrência da regra de harmonia vocálica na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. A amostra foi constituída a partir de entrevistas orais vinculadas ao projeto de pesquisa Banco de Dados de Língua Falada de Bagé, da Universidade Federal do Pampa. Foi selecionado um total de trinta e seis informantes de acordo com a estratificação do Banco de Dados. Assim, os grupos de fatores sociais investigados foram: sexo (feminino ou masculino), idade (25 a 50 anos ou mais de 50 anos) e escolaridade (1 a 4 anos, 5 a 8 anos ou 9 a 11 anos). Os grupos de fatores linguísticos, por sua vez, foram selecionados de acordo com a pesquisa de Schwindt (2002), para que fosse possível uma comparação entre os resultados apresentados. Diante disso, são os seguintes: contiguidade, homorganicidade, nasalidade, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, tonicidade e localização morfológica. Após a análise auditiva e codificação dos dados variáveis, partimos para a análise estatística com o programa GOLDVARB 2001. Foram encontrados 1.231 dados, com aplicação do fenômeno em 295, representando um percentual de 23% da elevação de *e*. O programa selecionou como estatisticamente relevantes para o uso da regra, ordenadas segundo sua influência, as seguintes variáveis: contexto fonológico seguinte, contiguidade, escolaridade, contexto fonológico precedente e localização morfológica. A partir dos resultados desta pesquisa, verificamos que, na cidade de Bagé, a aplicação do processo de harmonia vocálica pode ser favorecida na fala de pessoas menos escolarizadas, quando a vogal média é seguida por consoante velar ou sibilante e precedida por uma consoante labial ou sibilante, em que a vogal alta esteja em sílaba imediata ao alvo e localizada na raiz da palavra. Em nosso trabalho, a harmonia vocálica não encontra forte motivação social, considerando a pouca expressão estatística das variáveis extralinguísticas.

Palavras-Chave: harmonia vocálica; elevação de *e*; Banco de Dados de Língua Falada de Bagé.

RESUMEN

Harmonía vocálica se refiere a un proceso fonológico que consiste en la elevación de las vocales medianas pretónicas *e* y *o* al frente de las vocales altas *i* e *u* en una sílaba siguiente en la palabra, como en *menina* ~ *menina*, *costura* ~ *custura*. Con todo, el enfoque de la presente investigación consiste apenas en analizar la elevación de la vocal *e*. El objetivo de este estudio es verificar el papel de factores lingüísticos y extralingüísticos en la ocurrencia de regla de armonía vocálica en la ciudad de Bagé, Rio Grande do Sul. La muestra se constituyó a partir de entrevistas orales vinculadas al proyecto de investigación Banco de Datos de Língua Falada de Bagé, de la Universidade Federal do Pampa. Fue elegido un total de treinta y seis informantes de acuerdo con la estratificación del Banco de Datos. Así, los grupos de factores sociales investigados fueron: sexo (femenino o masculino), edad (25 a 50 años o más de 50 años) y escolaridad (1 a 4 años, 5 a 8 años o 9 a 11 años). Los grupos de factores lingüísticos, por su vez, se eligieron a partir del estudio de Schwindt (2002), para que fuera posible una comparación entre los resultados exhibidos. Delante de esto, son los siguientes: contigüidad, homorganicidad, nasalidad, contexto fonológico precedente, contexto fonológico siguiente, tonicidad y localización morfológica. Después del análisis auditiva y codificación de los datos variables, partimos para el análisis estadística de los datos con el programa GOLDVARB 2001. Fueron encontrados 1.231 datos, con aplicación del fenómeno em 295, representando el porcentaje de 23% de la elevación de *e*. El programa seleccionó como estadísticamente relevantes para el uso de la regla, ordenadas segundo su relevancia, las siguientes variables: contexto fonológico siguiente, contigüidad, escolaridad, contexto fonológico precedente y localización morfológica. A partir de los resultados de esta investigación, constatamos que, en la ciudad de Bagé, la aplicación del proceso de armonía vocálica puede ser favorecida a partir del habla de personas con menos nivel de escolaridad, cuando la vocal mediana es seguida por consonante velar o sibilante y antecedida por una consonante labial o sibilante, en que la vocal alta esté en sílaba inmediata a la blanca y ubicada en la raíz de la palabra. En nuestro estudio, la armonía vocálica no encuentra fuerte motivación social, considerando la poca expresión estadística de las variables extralingüísticas.

Palabras-Clave: armonía vocálica; elevación de *e*; Banco de Datos de Língua falada de Bagé.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 – Etapas para a realização da harmonia vocálica.....	15
Gráfico 1 – Porcentagem de elevação de e em Bagé	22

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com perfil social.....	19
Quadro 2 – Resultados gerais para a ocorrência de harmonia vocálica	22
Quadro 3 – Comparação entre os resultados de Laus (2017) e Schwindt (2002)...	29
Tabela 1 – Resultados para contexto fonológico seguinte	24
Tabela 2 – Resultados para contiguidade	25
Tabela 3 – Resultados para escolaridade	26
Tabela 4 – Resultados para contexto fonológico precedente.....	27
Tabela 5 – Resultados para localização morfológica	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Teoria da Variação Linguística	12
2.2 Sobre a harmonia vocálica	14
3 METODOLOGIA	18
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Bisol (1981), o fenômeno fonológico denominado *harmonia vocálica* caracteriza-se pela elevação das vogais médias pretônicas *e* e *o* em função da presença de vogais altas *i* e *u* subsequentes na palavra, como em *seguro* ~ *siguro*, *motivo* ~ *mutivo*. No entanto, em função de pouco tempo para coletar uma amostra extensa de dados, o presente trabalho se propõe a analisar apenas a realização da vogal *e*, excluindo, assim, o caso de elevação da vogal *o*.

A partir de dados coletados em entrevistas orais realizadas pelo projeto de pesquisa Banco de Dados de Língua Falada de Bagé, da Universidade Federal do Pampa, esta pesquisa objetiva descrever e analisar os contextos de aplicação do processo de harmonia vocálica na fala dos bageenses. Desse modo, propomos verificar em que medida as variáveis linguísticas influenciam a aplicação do fenômeno e identificar quais variáveis extralinguísticas, possivelmente, são relevantes para a sua manifestação. Além disso, consideramos pertinente observar a influência da fronteira com um país de língua espanhola na ocorrência, ou não, do fenômeno, uma vez que, em espanhol, a vogal média *e* parece apresentar resistência à elevação.

O presente trabalho se justifica por registrar traços característicos da fala dos bageenses e, assim, descrever as variedades linguísticas da região e contribuir para estudos contrastivos das variedades do português brasileiro. Reconhece-se a relevância de estudos que mostrem que a relação entre língua e sociedade não é casual, que na verdade as escolhas do falante se explicam pela interação entre fatores sociais e linguísticos.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Na sequência da introdução, no segundo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica. Esse capítulo está dividido em duas subseções: a primeira aborda a Teoria da Variação e a segunda diz respeito a pesquisas feitas sobre harmonia vocálica no Rio Grande do Sul, que serviram de base para nossa análise. No terceiro capítulo, descrevemos a metodologia da nossa pesquisa. Explicamos como foi feita a coleta de dados e quais variáveis linguísticas e extralinguísticas foram consideradas. No quarto capítulo, apresentamos a análise dos resultados obtidos de acordo com os grupos de fatores selecionados pelo programa GOLDVARB 2001. Por fim, no capítulo cinco, trazemos as conclusões sobre a pesquisa realizada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordamos a Teoria da Variação Linguística e tratamos acerca do fenômeno de harmonia vocálica.

2.1 Teoria da Variação Linguística

Sabe-se que o uso da língua manifesta-se de diversas formas. Portanto, ela é heterogênea e variável. Para Tarallo (2007), pode-se pensar a língua falada como um veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social. Além disso, denomina-se o uso da língua longe de situações monitoradas como o vernáculo: quando a atenção está na expressão de fatos e não no *como* enunciá-los (TARALLO, 2007, p. 19).

Diante dessa realidade, torna-se necessário entender a língua como um fenômeno social, construída em seu uso real. Os falantes de uma mesma comunidade de fala¹ vivem em contextos distintos e podem optar por usar a língua de uma ou de outra maneira de acordo com a situação em que se encontram. Desse modo, notamos, a cada contexto de interação, que a língua falada mostra-se heterogênea e diversificada e é essa situação que deve ser sistematizada (TARALLO, 2007, p. 6).

Conforme Tarallo (2007), a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1960. As primeiras análises variacionistas foram feitas por William Labov, por meio de pesquisas sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, em 1963, e na cidade de Nova York, em 1966. O modelo teórico-metodológico proposto por Labov denomina-se “Teoria da Variação Linguística” e caracteriza-se por sistematizar o uso aparentemente aleatório da língua.

Mollica (2004) complementa que a variação linguística é comum a todas as línguas, sendo, assim, um objeto de estudo da Sociolinguística, que a compreende como um fenômeno universal que pode ser descrito cientificamente. Nesse sentido, a variação mostra-se sistemática e possível de ser prevista através de um estudo estatístico, já que a escolha entre maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa está baseada em fatores condicionadores, ou variáveis independentes, que podem ser linguísticos ou sociais (MOLLICA, 2004, p. 10). Então, a Teoria da Variação Linguística considera que a heterogeneidade da língua pode ser explicada não

¹ Uma comunidade de fala não se caracteriza como aquela em que todos falam da mesma forma, mas como um grupo que compartilha as mesmas normas para o uso da língua (LABOV, [1972]2008, p. 188).

somente por fatores internos à língua, como semânticos, sintáticos ou morfológicos, mas também por fatores externos, como gênero, idade ou escolaridade do falante.

Além disso, segundo Mollica (2004, p. 13), mobilidade social e estigmatização linguística são temas de interesse dos sociolinguistas. Nessa perspectiva, parte-se a análise da avaliação positiva do uso padrão e negativa do uso não padrão da língua, o que acaba por interferir na inclusão ou exclusão social do indivíduo. Trata-se por variante padrão aquela prescrita nas gramáticas e ensinada nas escolas e por não padrão a que representa o vernáculo e que quase sempre é desqualificada em sala de aula. Conforme Tarallo (2007), é comum que a variante considerada padrão seja também conservadora e prestigiada pela sociedade. Por outro lado, a variante não padrão quase sempre é inovadora e estigmatizada (TARALLO, 2007, p. 12). No entanto, nem sempre essa correspondência é verificada. Como exemplo, pode-se pensar sobre o uso da forma não padrão e inovadora *a gente*. De acordo com Zilles (2007), o uso de *a gente* na fala tem se mostrado predominante em todo o país, com uma porcentagem de 80%, o que evidencia que o seu uso não é estigmatizado socialmente.

Nessa perspectiva, Mollica (2004) ressalta que toda língua apresenta variantes mais ou menos prestigiadas e que a sociolinguística tem contribuído no sentido de desconstruir o preconceito linguístico com estudos que buscam descrever o uso real da língua, revelando suas regras de organização e funcionamento.

A respeito da metodologia de pesquisa sociolinguística, Tarallo (2007) ressalta o desafio do paradoxo do observador, em que o pesquisador tem o papel de interagir com o informante na coleta de dados sem interferir na espontaneidade da sua fala. Algumas medidas são fundamentais para solucionar essa dificuldade. Tarallo (2007, p. 27) recomenda que o pesquisador deve apresentar-se como interessado em conhecer mais sobre a comunidade e que o estudo da língua não deve ser mencionado a fim de que o informante não preste atenção à sua forma de falar.

Para tanto, os dados são coletados através de entrevistas com perguntas a respeito de experiências pessoais do informante. Tarallo (2007, p. 21) afirma que ao relatar fatos pessoais o informante envolve-se com o que está relatando e não com a fala em si. O registro dessas entrevistas depende de gravações e, além da presença do entrevistador, o gravador revela-se como um forte motivo para inibir o informante. Uma tentativa na busca de minimizar esse efeito é deixar o aparelho

longe da visão do entrevistado e esclarecer que os áudios das entrevistas podem ser excluídos se assim for solicitado e que o nome do informante nunca será mencionado.

Com relação à busca por informantes, Tarallo (2007) sugere que o contato seja mediado por pessoas conhecidas pela comunidade, como familiares ou amigos. É critério para seleção atender a um perfil específico, como ter nascido na comunidade investigada ou nela residir desde os cinco anos de idade, para que a interação em outra comunidade não interfira sobre os resultados da análise. Entretanto, não se trata de uma tarefa simples ou rápida. Por esse motivo, existem bancos de dados disponíveis para consulta de pesquisadores.

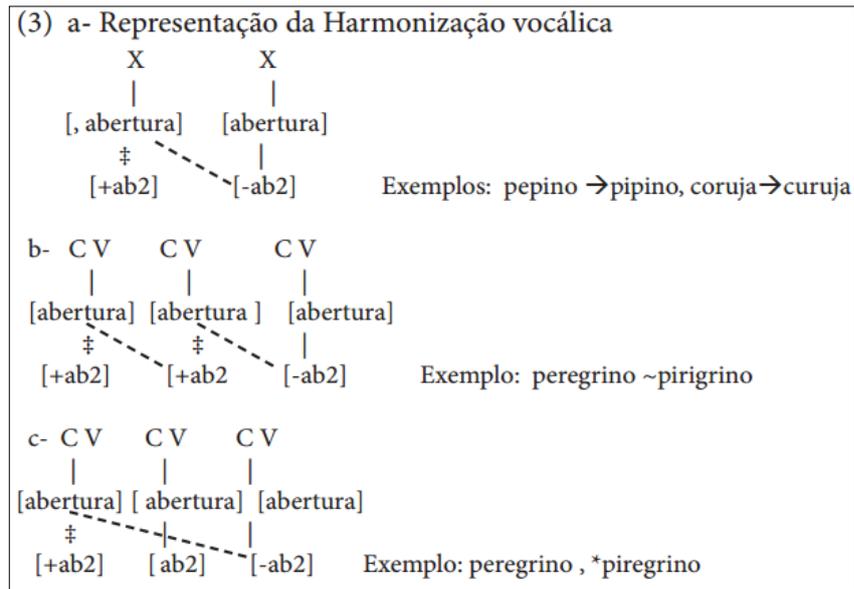
A seguir, abordamos o fenômeno de harmonia vocálica, foco deste trabalho.

2.2 Sobre a harmonia vocálica

De acordo com Bisol (2013a), a harmonia vocálica é um fenômeno fonológico comum às línguas e caracteriza-se como uma regra de assimilação regressiva, tendo como alvo as vogais médias pretônicas e como gatilho a vogal alta seguinte dentro da palavra. Esse processo pode manifestar-se nas vogais médias fechadas *e* e *o*, como em *sentido* ~ *sintido*, *cortina* ~ *curtina*. No entanto, como apresentado anteriormente, neste trabalho o foco está somente na harmonização da vogal média pretônica *e*, alvo do processo, com as vogais altas *i* e *u*, gatilhos do processo, tal como em *mentira* ~ *mintira*, *segunda* ~ *sigunda*.

Bisol (2013a) apresenta como um fator responsável pela harmonia vocálica a condição de adjacência, em que o gatilho deve estar na sílaba imediatamente seguinte ao alvo, como em *benefício* ~ *benifício* ~ *binifício*. Assim, não ocorreriam contextos com saltos entre a vogal que condiciona o processo e a vogal alvo, como *binefício*.

Para ilustrar o processo de harmonia vocálica, apresentamos, na Figura 1, o esquema de Bisol (2013a, p. 51).

Figura 1: Etapas para realização da harmonia vocálica

Fonte: Bisol (2013a, p. 51)

Primeiramente, há o desligamento do traço [+ab2] para que, em seguida, o traço [-ab2], do gatilho, seja expandido para a posição vazia, do alvo, harmonizando-se as vogais². Em (3b) nota-se que o traço [-ab2] pode expandir-se para mais de uma vogal por atender a condição de adjacência. Portanto, conforme (3c), é proibido pular um segmento.

Entretanto, Bisol (2013b) ressalta que, em certos contextos, como o da palavra *pequeno* ~ *piqueno*, a vogal média é elevada sem uma vogal alta envolvida, caracterizando alçamento das médias sem motivo aparente (ASM). Nos casos como o da palavra *melhoria* ~ *milhoria* também ocorre efeito de ASM, uma vez que esses saltos só ocorrem em palavras em que a base foi alterada, como *melhor* ~ *milhor* ~ *milhoria* (BISOL, 2013b, p. 52-53).

Na pesquisa de Schwindt (2002), para a constituição de sua amostra, alguns contextos foram excluídos. Em relação ao alvo, primeiramente, as palavras que começam por *e* seguido de *N*, como *encilha*, ou seguido de *S*, como *estilo*, não foram analisadas por apresentarem a elevação como quase categórica. Da mesma maneira, foram desconsideradas as vogais médias que estivessem em prefixos transparentes, ou seja, aqueles facilmente reconhecidos pelos falantes como tal,

² A partir dos traços de abertura, as vogais se caracterizam da seguinte maneira: i/u [-ab1, -ab2, -ab3], e/o [-ab1, +ab2, -ab3], ε/ɔ [-ab1, +ab2, +ab3], a [+ab1, +ab2, +ab3] (MATZENAUER, 2005, p. 59-61). Portanto, a diferença entre as vogais altas e as médias altas, no que diz respeito aos traços de abertura, está no traço [ab2].

uma vez que, em geral, uma certa independência com relação ao restante da palavra é mantida, como em *recandidatura*. Por outro lado, a aplicação da regra de harmonia vocálica parece não apresentar impedimento quando esses prefixos não são transparentes, como em *retido* ~ *ritido*. Foram excluídos, ainda, os vocábulos em que as vogais médias formavam ditongos, como em *feitiço*, ou hiatos, como em *leonina*. Com relação ao gatilho, por sua vez, excluíram-se os ditongos e hiatos, como em *seriedade*. Também foi descartado o sufixo –zinho, como em *verãozinho*, além dos prefixos e das palavras compostas em que o alvo estivesse no primeiro vocábulo e o gatilho no segundo, como em *televisão*. Essas exclusões são justificadas pelo fato de que esses morfemas, em geral, são julgados como prosodicamente independentes e tornam-se um empecilho na aplicação de alguns processos fonológicos.

Os resultados de Schwindt (2002) indicam que o uso da regra de harmonia vocálica no Rio Grande do Sul mostra-se moderado, com uma taxa de aplicação de 36% para *e*. Além disso, os índices revelam que os fatores extralinguísticos manifestaram menos expressão do que os linguísticos na aplicação do fenômeno, visto que as variáveis região, sexo, faixa etária e escolaridade não apresentaram relevância na análise, com resultados muito próximos ao ponto neutro. No entanto, vale ressaltar a análise dos dados da variável escolaridade, em que o informante ter estudado por mais tempo pareceu desfavorecer a aplicação do fenômeno. O autor menciona que esse resultado já era esperado, por constatar que o falante busca aproximar a sua fala da escrita (SCHWINDT, 2002, p. 178).

Em Schwindt (1997)³, a variável geográfica foi selecionada, contrapondo as cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A partir da análise, pode-se verificar que a aplicação da regra aumenta à medida que nos distanciamos do extremo Sul do país (SCHWINDT, 1997, p. 64).

Nos dados de Bisol (1981, p. 81), ainda com relação aos grupos geográficos, vale considerar os resultados para as cidades de Porto Alegre e Santana do Livramento, onde uma avenida separa Brasil e Uruguai. Os pesos relativos mostram que a ocorrência da harmonização vocálica é mais recorrente na fala dos metropolitanos (0,61) do que na fala dos fronteiriços (0,39). Da mesma maneira que, na pesquisa de Vieira (2002), sobre a elevação da vogal média postônica final (*filme*

³ Embora Schwint (1997; 2002) tenha analisado a realização das vogais pretônicas *e* e *o*, trazemos, aqui, somente os resultados referentes à elevação de *e*, foco deste estudo.

~ *film*), a cidade de Porto Alegre apresentou uma porcentagem de aplicação de 81%, contrastando com a cidade de São Borja, região de fronteira com a Argentina, com um índice de 40% de aplicação. Bisol e Vieira observam que esses resultados talvez se expliquem pela influência do contato com a língua espanhola, que tende a manter a vogal média. Por outro lado, a pesquisa de Ramirez (1996) sinaliza que, no espanhol hispano-americano, ocorre a elevação das vogais médias pretônicas e postônicas finais, mas essas realizações são consideradas “rústicas”, “vulgares”, “populares” e “campesinas”.

Com respeito às variáveis linguísticas, de acordo com Schwindt (1997; 2002), são as principais influenciadoras da harmonia vocálica, como foi mencionado anteriormente. A aplicação da regra está relacionada à ação combinada de variáveis linguísticas, como a homorganicidade, tonicidade, contexto fonológico adjacente e localização morfológica. Por fim, a presença de uma vogal alta em sílaba contígua revelou-se como o principal condicionador do processo (SCHWINDT, 2002, p. 182). Tais resultados serão retomados no capítulo 4, em que analisamos os resultados dessa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa teve como base dados coletados através de entrevistas orais realizadas pelo projeto de pesquisa Banco de Dados de Língua Falada de Bagé, da Universidade Federal do Pampa. Conforme Simioni et al. (2016), o projeto tem como objetivo investigar as variedades linguísticas da cidade. A amostra começou a ser coletada em maio de 2012 e chegará a sua etapa final no corrente ano. A formação do banco conta com um conjunto de 36 entrevistas estratificadas de acordo com o Projeto VARSUL⁴, a fim de que possam ser feitos estudos comparativos com outras variedades da região Sul do país. Somam-se três informantes para cada um dos 12 perfis sociais, que estão divididos da seguinte maneira: sexo (masculino e feminino), escolaridade (1 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos) e idade (25 a 50 anos ou mais de 50 anos).

O contato com os possíveis informantes realiza-se por meio de familiares, amigos em comum e assistentes sociais. Antes de serem entrevistados, os informantes preenchem uma ficha social, com o propósito de confirmar os dados dos perfis procurados e conferir que o informante seja natural de Bagé e não tenha morado fora da cidade. A ficha social também serve de auxílio para direcionar as perguntas da entrevista, já que o informante expõe informações sobre a sua família e sua rotina, o que acaba tornando mais fácil para o entrevistador a busca por conduzir a interação da forma mais espontânea possível.

Cada entrevista dura em média 30 minutos e para o registro dos áudios são utilizados gravadores digitais profissionais. Em nenhum momento fala-se sobre o estudo da língua e a proposta para a entrevista é contar sobre a história de Bagé e as experiências de quem sempre viveu na cidade. Posteriormente, os áudios são transcritos da maneira mais fiel possível à fala do informante. A disponibilização desses dados à comunidade será organizada até o final desta última etapa do projeto.

Para esta análise foi selecionado o total de 36 informantes⁵ de acordo com as seguintes variáveis extralinguísticas:

⁴ O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem como objetivo descrever o português falado nos três estados da região Sul do Brasil. Logo, está vinculado a UFRGS, UFSC, UFPR e PUCRS. <<http://www.varsul.org.br/>>

⁵ Os informantes assinam um Termo de Consentimento que assegura o sigilo com relação à sua identidade ou qualquer outro tipo de informação pessoal.

- a) Sexo: feminino e masculino;
- b) Idade: 25 a 50 anos e mais de 50 anos;
- c) Escolaridade: 1 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos.

Assim, os 36 informantes, 18 homens e 18 mulheres, foram distribuídos entre os fatores sociais como vemos no Quadro 1.

Quadro 1: Distribuição dos informantes de acordo com perfil social

	25 a 50 anos		Mais de 50 anos	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1 a 4 anos	3	3	3	3
5 a 8 anos	3	3	3	3
9 a 11 anos	3	3	3	3

A seleção das variáveis linguísticas foi feita de acordo com o trabalho de Schwindt (2002), uma vez que será realizada uma comparação dos resultados deste trabalho com os de sua pesquisa. As variáveis seguem organizadas de acordo com o modo como se relacionam com o alvo e o gatilho (a), somente com o alvo (b) e somente com o gatilho (c).

- a) Alvo e gatilho

Contiguidade: Refere-se à distância silábica entre a vogal alvo e a vogal alta.

- Contíguo - *verídico*
- Não-contíguo - *apelativo*

Homorganicidade: Está relacionada ao fato de uma vogal anterior favorecer ou não a elevação de e, por ambas as vogais serem da mesma categoria.

- Homorgânica - *feliz*
- Não-homorgânica - *veludo*

- b) Alvo

Nasalidade: A nasalidade pode mudar o timbre das vogais fazendo com que pareçam abaixadas ou centralizadas, o que motiva a observação do papel dessa variável.

Oral	- <i>pedido</i>
Nasal	- <i>mendigo</i>

Contexto fonológico precedente: Diz respeito às influências articulatórias que podem facilitar a elevação.

Labial	- <i>ferido</i>
Alveolar	- <i>dentista</i>
Alveolar sibilante	- <i>serviçal</i>
Palatal	- <i>gengibre</i>
Velar	- <i>queria</i>
Pausa	- <i>#existir</i>

Contexto fonológico seguinte: Considerando que a harmonia vocálica ocorre num processo de assimilação regressiva, o contexto seguinte à vogal e torna-se importante de ser observado.

Labial	- <i>revista</i>
Alveolar	- <i>terminar</i>
Alveolar sibilante	- <i>tecido</i>
Palatal	- <i>regimento</i>
Velar	- <i>legume</i>

c) Gatilho

Tonicidade: Contrapor esses fatores permite verificar se a vogal tônica tem mais influência do que a vogal átona para a elevação.

Tônica	- <i>nenhum</i>
Átona	- <i>sentimento</i>

Localização morfológica: Neste grupo de fatores, cabe verificar se a realização do fenômeno se relaciona ou não com a fronteira de morfemas.

Na raiz	- <i>pesqu_isa</i>
No sufixo verbal	- <i>vend_i</i>
Nos sufixos nominais	- <i>ment_ira</i>
No sufixo –inho	- <i>mercad_inho</i>

Com relação à delimitação dos dados, de acordo com Schwindt (2002), em contextos de palavras que contam com mais de uma vogal pretônica, como em

merecimento, cada uma dessas vogais soma como um dado individual. Na ocorrência de palavras que apresentam mais de uma vogal alta, como em *definitivo*, somente a mais próxima ao alvo é considerada. Além disso, os contextos excluídos por Schwindt (2002) também foram excluídos na constituição desta amostra.

Após a análise auditiva das entrevistas e a codificação dos dados coletados, foi verificada, estatisticamente, a relevância de cada fator no uso da regra de harmonia vocálica a partir do programa GOLDVARB 2001, que compõe o pacote VARBRUL: “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105). A preparação do arquivo de dados coletados para rodar o programa segue as seguintes etapas: quando há aplicação do processo é atribuído ao dado o valor “1” e para não-aplicação o valor “0”, seguidos dos códigos determinados para cada fator de todas as variáveis investigadas. A partir disso, parte-se para a análise estatística. Segundo Brescancini (2002), primeiramente, o programa faz uma análise unidimensional, em que apresenta a porcentagem de aplicação de todos os fatores verificados. Num segundo momento, o programa processa os resultados em pesos relativos também para cada um dos fatores examinados. Para isso, são cruzados os valores de todos os fatores e considerada a interação simultânea entre eles, caracterizando uma análise multidimensional (BRESCANCINI, 2002, p. 32-34).

Com relação aos pesos relativos, o valor 0,50 é considerado ponto neutro na análise, por não apresentar expressão estatística. Assim, o fato de um fator apresentar índices mais elevados do que 0,50 faz com que ele se revele favorecedor à aplicação, enquanto valores abaixo se mostram desfavorecedores. No final, o programa seleciona as variáveis mais influentes para o processo investigado, apresentando-as em uma ordem decrescente de significância estatística.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise da elevação de e constituiu-se a partir de um total de 1.231 dados, levantados nas entrevistas dos 36 informantes do Projeto de Pesquisa Banco de Dados de Língua Falada de Bagé, da Universidade Federal do Pampa. Sobre a ocorrência do processo de harmonia vocálica, foram identificados 295 dados de aplicação, como representado no Quadro 2.

Quadro 2: Resultados gerais para a ocorrência da harmonia vocálica

	Total
Não-aplicação	936
Aplicação	295
TOTAL GERAL	1231

A porcentagem de uso da regra, em Bagé, foi de 23%. Esse resultado é mais baixo do que o encontrado na pesquisa de Schwindt (2002), em que o índice geral de elevação de e, no Rio Grande do Sul, foi de 36%. Contudo, a comparação desses resultados confirma a análise feita pelo autor, que caracteriza o uso da regra como moderado no dialeto gaúcho, com percentuais inferiores a 50%. Schwindt (1997) descreve, ainda, que, quanto mais ao Sul, menores são os números de aplicação da harmonia. Isso poderia explicar o baixo uso da regra em Bagé, já que se trata de uma cidade do extremo Sul do RS. No Gráfico 1, podemos observar a porcentagem de aplicação verificada neste trabalho.

Gráfico 1: Porcentagem de elevação de e em Bagé



O baixo percentual de aplicação do processo de harmonização vocálica, em Bagé, também pode estar relacionado ao fato de que a cidade localiza-se distante da região metropolitana do estado e próxima às cidades que estabelecem fronteira com o Uruguai. Evidências para essa hipótese podem ser encontradas na investigação de Bisol (1981), que apresentou índices de aplicação altos para os metropolitanos (0,61) e baixos para os fronteiriços (0,39), considerando este grupo o mais conservador no uso da regra. Ainda em sua análise, Bisol explica que os brasileiros buscam aproximar a sua fala à dos uruguaios para facilitar o entendimento entre eles e que, em consequência disso, tendem a preservar a pronúncia das vogais médias, evitando qualquer fenômeno que as modifique (BISOL, 1981, p. 122). Além disso, consideramos pertinente estender o resultado de Vieira (2002) sobre a elevação da vogal postônica final /e/ para a nossa análise relacionada ao resultado da pretônica. A autora trata o contexto de fronteira com a Argentina como uma possível causa para a discrepância entre os índices de elevação em São Borja (0,44) e Porto Alegre (0,99). Vieira menciona que o baixo uso talvez se justifique pela influência do espanhol, que tem tendência a preservar a vogal média.

A análise estatística dos dados coletados foi feita a partir de duas rodadas com o programa GOLDVARB 2001. Na primeira rodada, o fator sufixo –inho, dentro da variável localização morfológica, apresentou um total de 72 ocorrências e 32 aplicações, sendo todas estas na palavra *pequeninho*. Caso esta palavra fosse excluída da análise, o fator apresentaria *knockout*, com 0% de aplicação nos 40 dados restantes. Este resultado está em conformidade com os discutidos por Bisol (1981, p. 32), em que os sufixos –zinho, categoricamente, e –inho, variavelmente, se revelaram como inibidores do processo de elevação. O fator sufixo –zinho, como mencionado anteriormente, foi excluído da análise de Schwindt (2002) por ser interpretado como uma palavra prosódica independente. Referências para este fato também são encontradas em Schwindt (2013), em que podemos observar que a vogal média baixa não se modifica com a adição do sufixo –zinho, como em *pó ~ pozinho*. O mesmo acontece com –inho (*belo ~ belinho*), o que mostra que esse sufixo também constitui uma palavra prosódica independente. Diante disso, optamos por uma segunda rodada eliminando da análise o fator sufixo –inho.

A partir da segunda rodada, o programa selecionou como estatisticamente relevantes para a aplicação do fenômeno cinco variáveis linguísticas e uma variável

social. Listadas em sua respectiva ordem de influência, são as seguintes: *contexto fonológico seguinte*, *contiguidade*, *escolaridade*, *contexto fonológico precedente* e *localização morfológica*⁶. Passamos, agora, para a descrição dos resultados e a análise de cada variável selecionada.

Com relação ao fato de que a variável *contexto fonológico seguinte* foi a primeira a ser selecionada pelo programa, vale ressaltar a ligação com a característica de assimilação regressiva do fenômeno. Na Tabela 1 apresentamos as porcentagens e pesos relativos obtidos para esse grupo de fatores⁷.

Tabela 1: Resultados para contexto fonológico seguinte

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Velar <i>Segurança</i>	106/176	60	0,83
Sibilante <i>Precisam</i>	67/229	29	0,68
Labial <i>Prefiro</i>	15/144	10	0,51
Palatal <i>Medida</i>	38/201	18	0,39
Alveolar <i>Termina</i>	69/481	14	0,30
TOTAL	295/1231	23	

Com índices altos de aplicação, as consoantes velares (0,83) e sibilantes (0,68) se mostraram as mais favorecedoras na elevação de *e*, enquanto as palatais (0,39) e alveolares (0,30) claramente desfavorecem o processo. Já as consoantes labiais não apresentaram indicadores de relevância na atuação da regra, com peso relativo muito próximo ao ponto neutro (0,51). Esses resultados estão em conformidade com os de Schwindt (2002).

Considerando que o processo de elevação das vogais médias pretônicas ocorre em função da influência de uma vogal alta seguinte, era esperado que as

⁶ Foram selecionados os mesmos grupos de fatores na primeira rodada. Porém, numa ordem diferente: contexto fonológico seguinte, escolaridade, localização morfológica, contiguidade e contexto fonológico precedente.

⁷ Para análise dessa variável foi considerada a realização fonética das palavras e não sua representação fonológica. O mesmo procedimento foi adotado na análise da variável contexto fonológico precedente.

consoantes velares e palatais fossem as mais favorecedoras, já que possuem o traço de articulação [+alto] em comum com as vogais altas. De acordo com Matzenauer (2005), os traços distintivos explicam e classificam os sons das línguas, de acordo com a presença (+) ou ausência (-) de alguma propriedade fonética ou fonológica. Aqui, o traço [+alto] indica a presença da propriedade de altura, em que os sons são produzidos elevando o corpo da língua (MATZENAUER, 2005, p. 17-23). Assim, fica por explicar o porquê do inesperado desfavorecimento das consoantes palatais. Com relação ao baixo índice de aplicação no contexto das alveolares, conforme Bisol (1981, p. 93), uma interpretação possível está no fato dessas consoantes não apresentarem ponto de articulação alto, sendo produzidas com a língua em posição razoavelmente plana. O papel pouco expressivo das consoantes labiais para elevação de *e* também foi atestado por Bisol (1981), já que a altura da língua não está envolvida na sua articulação. Por fim, para Schwindt (2002), o favorecimento das sibilantes está justificado “pela proximidade fonética que essa consoante tem com *r*” (SCHWINDT, 2002, p. 174).

Comparando os resultados aqui apresentados com a análise feita por Schwindt (2002), tomamos como geral a força da velar, o resultado inesperado da palatal e o desfavorecimento da alveolar.

A segunda variável selecionada como relevante foi *contiguidade*, para a qual obtivemos os resultados apresentados na Tabela 2.

Tabela 2: Resultados para contiguidade

	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Contíguo <i>Menina</i>	288/1053	27	0,56
Não-contíguo <i>Alternativa</i>	7/178	3	0,17
TOTAL	295/1231	23	

Podemos observar, na Tabela 2, que a elevação da vogal média é favorecida quando a vogal alta está em sílaba vizinha (0,56). Por outro lado, a distância entre as vogais envolvidas revela-se desfavorecedora (0,17). Esses resultados assemelham-se com os de Schwindt (2002), que apresentaram peso relativo 0,55 e 0,18, respectivamente, para estes contextos. Ainda em comparação com a pesquisa

de Schwindt, é preciso ressaltar que o autor optou por separar as variáveis *contiguidade* e *tonicidade* para que fosse verificado o papel de cada uma separadamente. Em sua pesquisa, a seleção do programa mostrou que a distância entre as vogais envolvidas é mais relevante do que a tonicidade da vogal alta. Os resultados aqui apresentados estão de acordo com essa constatação, já que a variável *tonicidade* sequer foi selecionada.

A única variável extralinguística que aparece na seleção feita pelo programa é *escolaridade*, para a qual listamos os resultados na Tabela 3.

Tabela 3: Resultados para escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
1 a 4 anos	135/387	34	0,66
5 a 8 anos	98/439	22	0,49
9 a 11 anos	62/405	15	0,34
TOTAL	295/1231	23	

Schwindt (2002) considera que há influência da ortografia sobre a aplicação da harmonia vocálica. Sendo assim, em nosso trabalho, as pessoas com mais anos de estudo parecem realizar menos a elevação de *e* (0,34) por aproximarem a sua fala com a escrita, ao contrário do que acontece com as pessoas menos escolarizadas (0,66). Vemos, na Tabela 3, que as taxas de aplicação da regra diminuem à medida que aumentam os anos de escolaridade investigados.

A penúltima variável selecionada pelo Goldvarb foi *contexto fonológico precedente*. As frequências e pesos relativos podem ser observados na Tabela 4.

Tabela 4: Resultados para contexto fonológico precedente

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Labial <i>Avenida</i>	78/335	23	0,65
Sibilante <i>Segunda</i>	114/236	48	0,59
Pausa <i>Existe</i>	34/154	22	0,54
Alveolar <i>Matemática</i>	49/381	12	0,36
Velar <i>Religião</i>	12/96	12	0,26
Palatal <i>Argentina</i>	8/29	27	0,25
TOTAL	295/1231	23	

A Tabela 4 nos mostra que a elevação de e é favorecida quando essa vogal está precedida pelas consoantes labiais (0,65) e sibilantes (0,59). Na sequência aparece o contexto de pausa indicando algum favorecimento para a aplicação da regra (0,54). Esses resultados estão em conformidade com os de Schwindt (2002). Ainda de acordo com o seu trabalho, era esperado que o fator pausa fosse favorecedor à elevação de e, considerando que essa vogal fica mais vulnerável em começo de palavra. Em relação aos fatores desfavorecedores, podemos dizer que os resultados para as alveolares (0,36) e palatais (0,25) também são semelhantes com os da pesquisa de Schwindt. Porém, ainda assim, era esperado que as palatais fossem favorecedoras em função do traço [+alto]. Por último, o inesperado papel inibidor das velares (0,26) contrasta com o resultado do autor para essas consoantes (0,73).

Estabelecendo um comparativo com os resultados apresentados para o *contexto fonológico seguinte*, podemos generalizar o favorecimento das sibilantes e o desfavorecimento das alveolares e palatais. Por outro lado, são opostos os pesos relativos para as labiais e velares.

A última variável selecionada foi *localização morfológica*. Na Tabela 5, estão os resultados para essa variável.

Tabela 5: Resultados para localização morfológica

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Raiz <i>Perigoso</i>	189/855	22	0,68
Sufixo verbal <i>Senti</i>	94/258	36	0,47
Sufixo nominal <i>Temperatura</i>	12/118	10	0,30
TOTAL	295/1231	23	

A partir da Tabela 4, podemos dizer que o contexto de raiz favorece (0,68) a elevação de *e*. Esse resultado era esperado já que, conforme atesta Schwindt (2002), o fato de *i* estar na raiz proporciona mais contextos de contiguidade com *e*, um fator favorecedor para a elevação (como mostram, em nosso trabalho, os resultados da Tabela 2). Com relação ao sufixo verbal, o fator aponta para algum desfavorecimento, com peso relativo próximo ao ponto neutro (0,47). Esse resultado está em oposição com o de Schwindt (2002), em que o fator teve peso relativo de 0,59, nitidamente favorecendo à aplicação da regra, o que era esperado pelo autor considerando o maior número de gatilhos nos sufixos verbais. Quanto ao papel inibidor do sufixo nominal⁸ (0,30), Schwindt (2002) interpreta que essa resistência à aplicação está relacionada à fronteira morfológica que se estabelece entre a base e os sufixos.

Assim, a partir dos resultados apresentados aqui para os três fatores investigados, podemos dizer que, em nosso trabalho, a presença de algum tipo de fronteira morfológica, independentemente de o sufixo ser verbal ou nominal, desfavorece a elevação de *e*, enquanto contextos sem fronteira morfológica a favorecem.

Por fim, comparamos os resultados apresentados em nossa pesquisa com os de Schwindt (2002) no Quadro 3⁹.

⁸ Bisol (1981) alerta para o fato de que sufixos nominais podem ser subcategorizados de acordo com o seu significado e que isso pode ter reflexo numa maior ou menor aplicação da regra de harmonia vocálica. Porém, aqui, não controlamos esta subcategorização, sendo uma possibilidade de investigação para futuros estudos.

⁹ O quadro apresenta os pesos relativos apenas das variáveis que foram selecionadas como estatisticamente relevantes em ambos os trabalhos.

Quadro 3: Comparação entre os resultados de Laus (2017) e Schwindt (2002)

Variáveis/Fatores		Laus (2017)	Schwindt (2002)
Linguísticas	Contexto fonológico seguinte Velar	0,83	0,80
	Sibilante	0,68	0,61
	Labial	0,51	0,49
	Palatal	0,39	0,45
	Alveolar	0,30	0,37
	Contiguidade Contíguo	0,56	0,55
	Não-contíguo	0,17	0,18
	Contexto fonológico precedente Labial	0,65	0,56
	Sibilante	0,59	0,60
	Pausa	0,54	0,59
	Alveolar	0,36	0,38
	Velar	0,26	0,73
	Palatal	0,25	0,32
	Localização morfológica Raiz	0,68	0,59
	Sufixo verbal	0,47	0,59
	Sufixo nominal	0,30	0,37
	Sufixo -inho	Knockout	0,41
	Homorganicidade Homorgânico	Não foi selecionada	Foi selecionada
	Não-homorgânico		
	Tonicidade Tônico	Não foi selecionada	Foi selecionada
Átono			
Nasalidade Oral	Não foi selecionada	Não foi selecionada	
Nasal			
Sociais	Escolaridade 1 a 4 anos	0,66	0,53
	5 a 8 anos ¹⁰	0,49	-
	9 a 11 anos	0,34	0,47
	Sexo Feminino	Não foi selecionada	Foi selecionada
	Masculino		
	Idade 25 a 50 anos	Não foi selecionada	Foi selecionada
Mais de 50 anos			

¹⁰ O fator 5 a 8 anos, dentro da variável escolaridade, não foi considerado na análise de Schwindt (2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, a análise estatística revela que a elevação de *e* tem aplicação relativamente baixa entre os bageenses, com taxa de 23%. Com base em pesquisas apresentadas sobre a harmonia vocálica no Rio Grande do Sul, é possível supor que esse valor esteja relacionado ao fato de que a cidade de Bagé está localizada em uma região de fronteira com o Uruguai, no extremo Sul do estado e, conseqüentemente, distante da metrópole, onde a aplicação da harmonia se mostra maior.

Com relação ao papel desempenhado pelos fatores, a partir da seleção feita pelo programa GOLDVARB 2001, podemos dizer que há favorecimento na elevação de *e* nos seguintes contextos: consoante velar ou sibilante seguintes à vogal média e consoante labial ou sibilante precedentes, em que a vogal alta esteja em sílaba imediata e localizada na raiz do vocábulo. Fica, ainda, por investigar o inesperado papel inibidor das velares quando em contexto precedente e das palatais, tanto em contexto precedente quanto em contexto seguinte.

As variáveis extralinguísticas expressaram menos relevância estatística do que as linguísticas, demonstrando quase nenhuma motivação social na aplicação do fenômeno, a não ser pela influência da escolaridade. Os índices para esse grupo de fatores indicam que quanto menor o contato com a modalidade escrita mais o indivíduo tende a elevar a vogal média pretônica.

Por fim, a partir de comparações com a análise de Schwindt (2002), podemos fazer algumas possíveis constatações: contexto fonológico adjacente, contiguidade, escolaridade e localização morfológica são variáveis que condicionam a elevação de *e* no português falado em Bagé, assim como em outras regiões do estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

BISOL, Leda. **Harmonização Vocálica: uma regra variável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan/jun. 2013a. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38159/27047>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BISOL, Leda. Vogais pretônicas. In: BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa (Orgs.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013b. p. 19-33.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-76.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. O que é e por que usar o pacote de programas estatísticos Varbrul? In: GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

RAMIREZ, María Vaquero de. **El español del América I: Pronunciación (a)**. 3. ed. Arco Livros – La Muralla, S.L, 1996. (Cuadernos de la lengua española; 28).

SCHWINDT, Luiz Carlos. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise varacionista. **Graphos**, v. 1, n. 2, p. 55-65, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9197/4892>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 137-154, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38285/27053>>. Acesso em: 31 out. 2017.

SIMIONI, Taíse et al. Banco de dados de língua falada de Bagé: um encontro entre a sociolinguística e a comunidade bajeense. In: KELM, Miriam; IRALA, Valesca (Orgs.). **Retratos de Linguagem: uma homenagem aos 10 anos da área de Letras da Unipampa – Campus Bagé/RS**. Bagé: Ed. Unipampa, 2016. p. 162-171.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Princípios; 9).

VIEIRA, Maria José. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.42, n.2, p. 27-44, jun. 2007. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2408/1882>>.

Acesso em: 15 jun. 2017.